

Editorial

Prezadas leitoras, prezados leitores:

Esta edição da Revista Textura foi publicada, e este Editorial foi também redigido, no dia da confirmação da eleição do candidato republicano para a Presidência dos Estados Unidos da América, Donald Trump. Esse não é um acontecimento circunstancial, tampouco é uma quimera política: a eleição de Trump se inscreve em uma série histórica de acontecimentos que vem marcando decisivamente certa guinada conservadora das configurações sociais e culturais do Ocidente. Democraticamente eleitos e eleitas, os políticos e as políticas que defendem posições reacionárias, no mais das vezes contrárias às proposições dos Direitos Humanos em geral, e às dos Direitos Sexuais em especial, arregimentam grandes parcelas da população por meio da ativação performativa de discursos de ódio. Crise de representação nos Estados democráticos de direito? Talvez. Vale assinalar, contudo, que essa série histórica de acontecimentos organizou-se quase oculta, ignorada pelos setores ditos mais progressistas da sociedade, que desprezaram as manifestações radicais de ódio reduzindo-as a caricaturas anacrônicas de tempos passados. Nessa direção, não se trata de crise de representação na democracia, mas efetivamente da rapinagem da própria democracia e de sua estrutura praticada graças ao ressentimento de anos de políticas mais inclusivas (ou, pelo menos, menos excludentes).

O tema do Dossiê do Volume 18, número 38, da Textura não poderia ser mais inadequado e impertinente nesse contexto – e, por isso mesmo, perfeitamente bem-vindo: Educação, Cinema e Teoria *Queer*. O Professor Jamil Cabral Sierra, da Universidade Federal do Paraná, e a Professora Juslaine de Fátima Abreu Nogueira, da Universidade Estadual do Paraná, assinam a organização deste volume temático. A proposta é potente, e ganha tons desafiadores, de provocação teórico-política, inserida nesses novos “quadros de guerra”, conforme Judith Butler: cartografar estéticas pós-identitárias performatizadas no cinema, por meio das quais podemos entrever gestos de subversão, deslizamento e resistências aos processos de normalização e de cooptação subjetiva da biopolítica.

Em “(Micro)políticas *queer*: dissidências em pesquisa”, Fernando Pocahy (Universidade Estadual do Rio de Janeiro) aborda os fluxos possíveis

Textura	Canoas	v. 18 n.38	p. 1-4	set./dez. 2016
---------	--------	------------	--------	----------------

(e performativos) de contestação àquilo que o autor chama de “normopatias acadêmicas”, apostando na potência *queer* de multiplicação de dissidências nas práticas de produção de conhecimento científico.

Em “*Paris still burning?* – sobre o que a noção de performatividade de gênero ainda pode dizer a um cinema *queer*”, Jamil Sierra (UFPR), Juslaine Nogueira e Camila Macedo Ferreira Mikos (UNESPAR) discutem as (ainda pertinentes) problematizações oriundas a partir da narrativa do filme *Paris is Burning*, de 1990, analisado por autoras *queer* como Judith Butler e bell hooks. A problematização central recai sobre as possibilidades epistemológicas e políticas da performatividade de gênero, em articulação com o cinema, no sentido de interromper a repetição das normas de gênero hoje postas culturalmente.

Em “Pedagogias do desejo no cinema *queer* contemporâneo”, Érica Sarmet e Mariana Baltar (Universidade Federal Fluminense) apostam naquilo que chamam de “virada no cinema *queer*” da década de 1990 para a primeira década dos anos 2000, apontando elementos de filmes dirigidos por Bruce LaBruce, Esther Martin Bergsmark e Todd Haynes.

Em “Melancolia queer: o masculino e o feminino como construções cinematográficas temporais”, Ana Catarina Pereira e Alfredo Taunay (Universidade da Beira Interior – Portugal) trazem a primeira contribuição internacional para o Dossiê, detendo-se especificamente na análise da adaptação de dois romances para o cinema: *Orlando*, de Virginia Woolf, e *As Horas*, de Michael Cunningham.

Em “Visualidades insurgentes: una aproximación a las representaciones de las sexualidades y las corporalidades disidentes en la pornografía”, Laura Milano (Universidade de Buenos Aires – Argentina) traz a segunda contribuição internacional para o Dossiê; no texto, a autora aposta na “pós-pornografia” como uma prática de contestação ao discurso pornográfico hegemônico, numa atitude que sublinha a emergência de novas visualidades para os corpos e sexualidades na cultura visual contemporânea.

Em “O que nos ensinam Claudia Wonder e Alfredo Sternheim em *Sexo dos anormais?*”, Rafael Siqueira de Magalhães (Universidade Federal do Sul da Bahia) e Cléber Braga (Universidade Federal do Amapá) mergulham em um título da pornochanchada brasileira, empregando-o como mote para também abordar a história do *queer* no cinema brasileiro e para acompanhar

aquilo que os autores chamam de “vidobra” de Claudia Wonder, a protagonista transgênero de *Sexo dos anormais*.

“Em defesa de uma pedagogia *queer*: re-imaginando corpos, gêneros e sexualidades no espaço escolar”, Dilton Ribeiro Couto Júnior e Maria Luiza Magalhães Bastos Oswald (UERJ) investem na complexificação teórica da postura *queer* que pode investir os processos de ensino-aprendizagem a partir de conversas com jovens através do Facebook, sublinhando o potencial de questionamento e de subversão à norma heterossexual formuladas por aqueles sujeitos e indicando possibilidades de experimentações corporais para além do regime heterocentrado.

Em “A Teoria *Queer* e os muros da escola: tessituras entre práticas e normalizações”, João Paulo de Lorena Silva (Universidade Federal de Minas Gerais), Ederson Luís Silveira (Universidade Federal de Santa Catarina) e Leonard Cristy Souza Costa (Universidade Federal do Amazonas) tecem importantes considerações acerca dos binarismos e normalizações constituintes (e instituintes) do currículo, sempre na direção de estimular a multiplicação de excedentes aos pares binários – excedentes esses que comporiam o que os autores chamam de “política educacional desconstrucionista”.

Em “Cinema, educação e violência de gênero: considerações sobre o documentário ‘The hunting ground’”, Viviane Teixeira Silveira, Kleber Tuxen Carneiro (Universidade do Estado de Mato Grosso) e Thayz Athayde (Universidade Estadual do Rio de Janeiro) usam o referido documentário em seu potencial educativo, cuja trama aborda casos de estupro e de assédio sexual em universidades americanas, para problematizar a violência de gênero em seu viés institucional, apostando na linguagem cinematográfica como arte que possibilita novos empregos para os diferentes feminismos.

Em “Masculinidades *queer* no voleibol – revisitando *The Iron Ladies*”, Leandro Teófilo de Brito (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), Vanessa Silva Pontes e Erik Giuseppe Barbosa Pereira (Universidade Federal do Rio de Janeiro) utilizam-se do filme tailandês *The Iron Ladies* para analisar a história aí narrada: a de um time de voleibol que disputou, nos anos de 1990, a liga nacional do esporte na Tailândia, composto por atletas cujas masculinidades não correspondiam às normas de gênero daquela cultura (e também da nossa), as quais os autores e a autora chamam de “masculinidades *queer*”.

Em “O corpo feminino: ficções para ser e estar nas telas do cinema”, Marta Friederichs e Jane Felipe de Souza (Universidade Federal do Rio

Grande do Sul) entrelaçam análises de filmes aparentes dispares: *Quanto mais quente melhor* e *A pele que habito*; em sua aparente disparidade, as autoras constroem a convergência entre as narrativas precisamente através do feminino enquanto uma possível construção fictícia (e ficcional) do próprio regime biopolítico, que institui certa realidade dos corpos.

Em “O amor entre elas: a desconstrução da heterossexualidade e da família nuclear, a partir de representações de um filme comercial sobre lesbianidade”, Vagner Matias do Prado (Universidade do Oeste Paulista) investe na contestação da assunção política da normalidade das relações de parentesco baseadas no dispositivo de sexualidade por meio da análise do filme *Desejo Proibido*, num movimento de esvaziamento da naturalização da heterossexualidade como fundamento para os laços sociais e culturais.

Rosângela Rodrigues Soares (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) encerra o Dossiê oferecendo análises acerca da narrativa de *Medianeiras: a era do amor virtual em Buenos Aires*, problematizando os modos como são negociadas as marcas de gênero, sexualidade, amor e geração na história dos dois personagens centrais do filme, Martin e Mariana, que têm em comum a utilização da internet como meio de comunicação.

Ainda, na seção “Artigos” de fluxo contínuo da Revista Textura, damos espaço para dois artigos do campo de Letras: “As relações sociais e a violência verbal em Rubem Fonseca”, de Demétrio Alves Paz e de Francieli Heineck (Universidade Federal da Fronteira Sul) e “O silêncio em Raymond Carver: dizendo ao não dizer”, de Carlos Bões de Oliveira e de Marinês Andrea Kunz (Universidade Feevale). Felipe Leão Mianes (Universidade Luterana do Brasil) contribui para este número da Revista com o artigo “Audiodescrição e processos de identificação através da cultura”.

Considerando os contextos políticos e culturais, nacionais e internacionais, desejamos uma leitura provocante e provocativa no lugar de, apenas, uma “boa leitura”.

Prof. Dr. Luiz Felipe Zago

Profa. Dra. Bianca Salazar Guizzo